



*REPS - Revista Even. Pedagógica.*

Número Regular: Estudos Decoloniais

Sinop, v. 13, n. 3 (34. ed.), p. 461-470, ago./dez. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps>

DOI: 10.30681/2236-3165

## A DIVERSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS NA PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM<sup>1</sup>

### THE DIVERSIFICATION OF SPACES IN THE PROMOTION OF LEARNING

Daniela Cristina Pereira da Costa<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo relata sobre a funcionalidade dos espaços externos às salas de aula no processo de ensino aprendizagem de crianças do segundo ano do Ensino Fundamental. O aporte teórico utilizado na pesquisa apoiou-se nas autoras Maria da Graça Horn e Léa Tiriba. A metodologia baseou-se em abordagem qualitativa, por meio de questionários aplicados com quatro professores atuantes nessa etapa de ensino, realizados no primeiro semestre de 2021. Diante das narrativas coletadas, verificou-se que a utilização dos espaços externos escolares quando planejados com intencionalidade pedagógica pode contribuir na construção de novos saberes e novas experiências, tornando-se uma ferramenta educacional.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental. Espaços externos. Ensino-aprendizagem.

#### ABSTRACT<sup>2</sup>

This article reports on the functionality of the spaces outside the classrooms in the teaching-learning process of children in the second year of elementary school. The authors Maria da Graça Horn and Léa Tiriba were the authors of the research. The methodology was based on a qualitative approach, through questionnaires applied to four teachers working at this stage of education, during the first semester of 2021. In view of the narratives collected, it was found that the use of external school spaces when planned with pedagogical intentionality can contribute to the construction of new knowledge and new experiences, becoming an educational tool.

**Keywords:** Elementary School. External spaces. Teaching-learning.

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM: A DIVERSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS NA PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**, sob a orientação da Profa. Dr<sup>a</sup>. Irene Carrillo Romero Beber, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2022/2.

<sup>2</sup> Resumo traduzido pela professora Priscila Ferreira de Alécio, Graduada em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) pela UNEMAT/Sinop, Mestre em Letras pela UNEMAT e Doutoranda em Estudos da Linguagem, pelo PPGEL/UFMT-Campus de Cuiabá.  
E-mail: [priscila.f.a.letras@gmail.com](mailto:priscila.f.a.letras@gmail.com).

## **1 INTRODUÇÃO**

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs), as escolas podem e tem autonomia para estruturar seus ambientes físicos da melhor maneira que atendam seus objetivos. Sendo assim, nota-se que a organização dos espaços de aprendizagem não se configura como algo acabado e definitivo, existem possibilidades de mudanças e arranjos para atender as especificidades de determinado grupo (BRASIL, 2013).

Embora existam nas escolas diferentes espaços que oferecem a oportunidade de diversificar as metodologias de ensino, a maioria das propostas de atividades realizadas pelos professores dos anos iniciais da educação básica concentra suas ações somente para o espaço dentro da sala de aula, a não ser em determinadas situações como nas aulas de educação física, nas quais as crianças são encaminhadas para as quadras esportivas ou quando vão para sala de informática.

É relevante possibilitar às crianças o convívio e interação com outros espaços, de modo que elas possam se sentir independentes e confiantes para aproveitar uma área diferenciada, otimizando distintos ambientes de saberes e sensações.

Para além da simples mudança de local, os alunos, ao estarem em contato com esses distintos espaços escolares, poderão experimentar, conhecer e em alguns casos, relacionar a prática com a teoria em um mesmo lugar.

Nesse sentido, na medida em que entendemos que a aprendizagem transcende o espaço da sala de aula comum, o presente artigo elegera como objetivo o aprofundamento acerca da discussão da utilização dos espaços externos, assim como debater sobre a importância e influências que o mesmo pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Para que fosse possível alcançar tal objetivo, foi utilizada como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, permitindo assim compreender mais a fundo os dados coletados a partir da disponibilização de questionários distribuídos à quatro professores da rede de ensino do município de Sinop/ MT, no primeiro semestre do ano de 2021. Em paralelo à análise dos dados recolhidos, também foi realizado um aprofundamento bibliográfico acerca dos conceitos de aprendizagem e organização dos espaços escolares.

## **2 APROFUNDANDO A DISCUSSÃO SOBRE OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM**

No desenvolver do artigo, será abordado o termo espaço, o qual se refere a organização dos lugares de atividades com os alunos, nesse caso, estudantes do Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, é importante esclarecer a diferença de sentido entre os termos ambiente e espaço. De acordo com Horn,

O termo “espaço” se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo “ambiente” diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, em relação ao ambiente, as mais subjetivas (HORN, 2004, p. 35)

Assim sendo, o espaço pode ser visto como uma zona de troca de conhecimento, podendo ser utilizado para ocasiões de pesquisa, explorações e estudos. “O ambiente fala, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes” (HORN, 2004, p. 35). Dessa maneira, o ambiente será reflexo do que a diversificação do espaço pode trazer, ou seja, as mudanças dos locais de estudo irão contribuir para a construção de ambientes capazes de fomentar aprendizagens significativas.

Os espaços da escola precisam ser vistos como recursos para o trabalho do professor, não como algo que desequilibre sua ação pedagógica. No contexto escolar, o aprender não precisa apenas acontecer unicamente na sala de aula. As instituições possuem outros espaços que podem garantir situações didático-pedagógicas de qualidade. “A partir desse entendimento, o espaço nunca é neutro. Ele poderá ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas espaciais dadas e das linguagens que estão sendo representadas” (HORN, 2004, p. 35)

Ainda de acordo com Horn (2004), para que haja o uso alternativo dos espaços, as ações pedagógicas devem oportunizar novos jeitos de pensar e fazer a educação, para isso, é vital que o educador tenha um olhar para além das ações já realizadas na sala de aula. Não obstante, quando o professor se propõe a organizar ações fora da rotina das classes enfileiradas, a simples modificação de tal disposição pode lhe causar transtornos e assim gerar inseguranças, fazendo-o retomar às antigas práticas.

Sem dúvida, isso reforça o papel centralizador da professora que se desorganiza ante a possibilidade do “diferente”. A dificuldade de alguns educadores em trabalhar com corpos que se “movimentam” é muitas vezes evidente. (HORN, 2004, p.27)

Eventualidades e situações imprevistas também podem acontecer em sala de aula, assim como em outros lugares da escola. No entanto, acontecem com mais frequência na medida em que são mais utilizados espaços distintos aos de costume. Mas é importante atrever-se e conceder isto às crianças, pois, ao diversificar seu planejamento de ensino dos objetivos tradicionais, o educador poderá estar reformulando suas propostas de trabalho em conjunto com os alunos, auxiliando e viabilizando a aprendizagem.

O espaço externo, quando bem organizado, pode se configurar como um importante elemento no processo de aprendizagem, sendo capaz de influenciar no desenvolvimento das crianças devido ao seu poder de promoção de relacionamentos e mudanças. Tiriba (2018, p.40) afirma que, “É fundamental ouvir as crianças por meio de suas diversas linguagens, afinal são elas que vão de fato habitar o espaço escolar”.

Desse modo, através de uma sondagem que respeite o direito do aluno de participar do seu processo de ensino aprendizagem, o professor, deve buscar continuamente fazer mudanças e remodelações tanto em suas propostas, quanto ao que se refere a organização dos ambientes. Os espaços de aprendizagem não precisam se limitar somente a locais fechados e delimitados.

O planejamento da composição e organização dos espaços deve ser feito pensando em proporcionar oportunidades para diferentes demandas, desde o brincar barulhento, movimentado e ativo e até a contemplação, o descanso, a calma, o encontro e a solitude. (TIRIBA, 2018, p. 65).

É importante ouvir os alunos através das suas diferentes linguagens, afinal de contas, serão eles os protagonistas das ações ofertadas nesses espaços.

## **2 Metodologia**

A pesquisa ocorreu inicialmente com levantamento de textos bibliográficos acerca de como os espaços externos são vistos e utilizados nas práticas pedagógicas

e quais influências exprimem para a aprendizagem das crianças nos anos iniciais de sua formação. A princípio, o intuito era que, em paralelo com as leituras, fosse realizado um estudo de caso tendo como foco uma turma do segundo ano de Ensino Fundamental.

No entanto, devido ao período de distanciamento social, não foi possível realizar a pesquisa presencial. Sendo assim, o que de fato se concretizou foi um levantamento tendo como base de dados narrativas de quatro professores de uma escola situada no município de Sinop/MT.

Para atender o objetivo da pesquisa, foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário semi-estruturado, contendo seis perguntas abertas. Nessa ocasião, considerando as restrições em relação à horários e à realização de encontro presenciais com os participantes, ficou acordado que os questionários e devolutivas fossem enviados via *e-mail*.

A fim de preservar o anonimato dos entrevistados da pesquisa, na exposição dos resultados coletados os mesmos serão identificados como: Professor ou Professora.

## **2.1 Resultados**

Ao serem questionados se consideravam os espaços externos capazes de oferecerem possibilidades de exploração e eficiência para serem um instrumento participante de suas propostas pedagógicas, os professores participantes relataram, através da sua escrita, que:

**(01) Professora 1:** Sim, espaços externos podem ser utilizados na posposta de ensino pedagógico. Por exemplo: uma atividade que pode ser realizada na disciplina de geografia que envolve o uso dos espaços externos da escola ou da comunidade e a explicação das mudanças e conceitos dos espaços urbanos e rurais.

**(02) Professor 3:** Na minha opinião os espaços externos da escola por natureza é um potencializador de aprendizagem. Cabem ao educador criar estratégias para que as crianças potencializem suas aprendizagens sem abrir mãos das brincadeiras. Os espaços como refeitório podemos trabalhar sobre a alimentação saudável, o destino

adequado do lixo entre outros. No jardim da escola podemos trabalhar de forma prática sobre as plantas, fazer uma pesquisa sobre os nomes das plantas e o cuidado e a proteção do meio ambiente. Podemos explorar os tipos de insetos existente em um determinado local. Produzir a maquete dos espaços escolares. Fazer medidas para facilitar a compreensão do educando sobre medidas de comprimento, massa e outros.

Por meio das respostas, nota-se que todos os professores, mesmo com propostas diferentes, consideram e utilizam os espaços externos da escola em seus planejamentos diários.

Partindo do entendimento de que as crianças também aprendem na interação com seus pares, é fundamental o planejamento de um espaço que dê conta dessa premissa, permitindo que, ao conviver com grupos diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda a se conhecer melhor. (HORN, 2004, p.18)

Quando perguntadas sobre como avaliavam a funcionalidade do espaço externo na promoção do processo de ensino-aprendizagem, os professores 2, 3 e 4 apontaram:

**(03) Professora 2:** Avalio como uma funcionalidade motivadora pois, muitas vezes, só pelo fato de as crianças verem a oportunidade de sair do ambiente da sala de aula, já sentimos nelas uma motivação em experienciar algo novo e um aluno motivado tem uma melhor aprendizagem.

**(04) Professora 4:** Tudo é válido na educação quando temos um planejamento, onde pretendemos o lugar que queremos alcançar. Conforme todos os espaços têm, o espaço externo tem sim suas funcionalidades.

**(05) Professor 3:** Ainda é muito pouco explorado os espaços externos da escola como promotores de aprendizagem. Muitas vezes essas atividades são vistas como lazer ou passa tempo. Perdemos uma boa oportunidade de desenvolver cada vez mais na criança sua integração com os colegas, respeito, seus limites e desafios.

Através da escrita do professor 3 é possível refletir sobre a problemática da pesquisa, pois encontramos em diversas situações a representação real dessa narrativa no cotidiano escolar. Desde a Educação Infantil, o espaço fora da sala de aula é visto como um lugar para recreação, e em muitas situações, é justamente essa a sua finalidade.

A utilização de metodologias inovadoras dá mais relevância para o planejamento das aulas, pois priorizam a experimentação dos conhecimentos por intermédio de práticas diversificadas nas aulas e dos diferentes espaços utilizados. Nessa visão, os espaços externos escolares podem ser vistos como coautores ao trabalho dos professores e somar com suas propostas pedagógicas.

Desse modo, entende-se que, ao se garantir um espaço dinâmico, exploratório e acessível para todos, a escola confirma a ampliação das vivências, intensifica as interações, viabiliza as mais variadas criações e apoia o aluno em seu desenvolvimento. “É fundamental investir no propósito de desemparedar e conquistar os espaços que estão além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens”. (TIRIBA, 2010, p. 11)

Buscou-se também saber quais seriam os apontamentos dos professores sobre a capacidade do espaço externo de oferecer condições para uma aprendizagem concreta e de qualidade, e de que forma utilizavam esse espaço em suas aulas. Destaca-se a resposta da Professora 2:

**(06) Professora 2:** Sim. Principalmente nas séries iniciais o aluno necessita experimentar, checar hipóteses, para depois aprender os conceitos. O material concreto que proporciona essa aprendizagem de maneira prática. Costumo em minha prática leva-los sempre à área externa para atividades práticas enriquecedoras com muitas trocas de experiências, somente agora nesse período ainda não pudemos exercer atividades coletivas externas.

Esse encaminhamento do docente sobre quais dinâmicas serão executadas sustenta a visão de que todo ambiente é organizado sob uma concepção de educação, e está ligado a uma proposta pedagógica. Ou seja, existe uma intencionalidade, sendo assim, uma maneira silenciosa de educar. O espaço, à vista disso, se torna um instrumento de trabalho para o professor.

Os professores também foram indagados em relação aos espaços disponíveis na escola, bem como, de quais maneiras os utilizavam. Alguns responderam que a escola possui diversos locais, citando quais utilizavam, outros disseram que, no momento, por conta da pandemia, não estavam utilizando todos, somente os que não ofertavam o risco de contágio.

**(07) Professora 1:** Em tempos de pandemia enfrentamos inúmeras dificuldades, porém realizamos algumas adaptações para que os alunos não pertencem essas experiências, mas a maior dificuldade encontrada foi realizar atividades que não gerasse aglomerações.

**(08) Professor 3:** Nesse momento de pandemia estamos utilizando somente o laboratório e a biblioteca com muitas restrições.

Com base nas afirmações obtidas é possível elencar que durante a pandemia as atividades na escola de uma maneira geral sofreram drásticas mudanças, o distanciamento imposto afetou não somente as atividades em sala, mas também, as atividades nas áreas externas.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa se pautou na investigação da utilização dos espaços externos e suas potencialidades nos processos de aprendizagens. As informações obtidas demonstraram que é possível desenvolver atividades que tenham intencionalidade pedagógica em outros ambientes das escolas, o que nos oferece bons indicativos para o uso dos espaços externos além da sala.

A situação pandêmica prejudicou significativamente as dinâmicas sociais na escola. Em seus relatos, os profissionais entrevistados apontaram dificuldades em promoverem atividades que explorassem ambientes diferentes, pois havia um controle dos locais que geralmente eram utilizados por eles. No entanto, é possível observar em suas falas o interesse por buscarem novos espaços para suas ações e que os mesmos reconhecem a importância de incluir os ambientes externos em suas dinâmicas docentes.



Observou-se que de modo geral todos os professores procuram fazer uso dos diferentes espaços e ambientes presentes na estrutura física da escola, atividades na quadra, pátio, leituras ao ar livre mostraram ser realizadas cotidianamente. Contudo, essas ações ainda estão envoltas em uma perspectiva onde são planejadas somente sob o olhar do professor. Em nenhum dos depoimentos foi evidenciada a participação ativa das crianças na construção das atividades ou oportunidade de escuta indicando possíveis explorações dos espaços da escola, ou até mesmo, o entorno de onde moravam, considerando o período pandêmico que ficaram em casa na modalidade de ensino remoto.

Partindo da concepção de uma pedagogia que busca a formação de sujeitos autônomos e críticos, necessitamos promover espaços que garantam o ensejo de uma aprendizagem significativa que consiga sustentar essa proposição. De acordo com Scalco (2016, p.28): “Para ter valor e significado a construção deve ocorrer de acordo com o necessário para o desenvolvimento das crianças, mas também de acordo com os desejos das mesmas e com a realidade da escola.”

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2013b.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SCALCO, Tatiane da Silveira. **Educação Infantil na escola de Ensino Fundamental: pensando os espaços externos para as crianças da pré-escola**. 2016. Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/152868>. Acesso em: 17 out. 2022.

TIRIBA, Léa. **Desemparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018.

TIRIBA, Léa. **Crianças da natureza**. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file> Acesso em: 17 out. 2022.

Recebido em: 03 de novembro de 2022.

Aprovado em: 23 de novembro de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10537/7305>

---

<sup>i</sup> Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN). Sinop, Mato Grosso, Brasil.  
E-mail: [daniela.cristina@unemat.br](mailto:daniela.cristina@unemat.br).